

O Labirinto das Ilusões: consolidação e crise da social-democracia tardia brasileira

ANDERSON DEO

Curitiba: Appris, 2021. 309p.

*Carlos Henrique Lopes Rodrigues**

O livro de Anderson Deo foge das análises simplistas que desprezam as particularidades e o processo de objetivação do capitalismo brasileiro. A partir disso, esse trabalho mostra-se imprescindível para analisar os governos de Fernando Henrique Cardoso e de Luiz Inácio Lula da Silva e, com isso, indica importantes vias para a compreensão da realidade brasileira em sua profundidade.

A análise defende que, entre os anos 1995 e 2006, o Brasil viveu um período denominado pelo autor como “social-democracia tardia”, uma tese polêmica, mas que é desenvolvida minuciosamente de modo a evidenciar como essa “social-democracia tardia” atendia aos interesses do imperialismo e não rompia com o passado colonial, diferenciando-se totalmente da social-democracia implementada em alguns países, sobretudo da Europa Ocidental, no período do pós-II Guerra Mundial.

O autor reflete sobre o caráter desigual e combinado do modo de produção capitalista para captar como este se manifesta em suas particularidades nacionais, em um movimento universal – particular – singular. Deo analisa o desenvolvimento do capital financeiro na passagem da fase concorrencial para a fase monopolista do modo de produção capitalista, bem como as transformações por meio da exportação de capitais dos países periféricos sob dominação imperialista. Apesar das

* Professor do Departamento de Ciências Econômicas da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM). E-mail: chlrodrigues@yahoo.com.br

mudanças econômicas e políticas pelas quais o Brasil passou, principalmente a partir da década de 1970, o autor mostra que a industrialização brasileira manteve seu “caráter essencialmente dependente e subordinado”, além da superexploração do trabalho. Do mesmo modo, Deo investiga o processo de “mundialização financeira” para desvelar o protagonismo dessa fração capitalista a partir da valorização do capital fictício e seu vínculo com a “social-democracia tardia”.

Deo faz uma análise bastante rica da social-democracia clássica, que, apesar de se constituir nos marcos do capitalismo, evidenciou a “absorção de elementos democrático-progressistas” no interior da ideologia liberal. Contudo, com a crise de meados da década de 1970, a social-democracia entrou em declínio e sofreu uma importante ofensiva da ortodoxia liberal. É precisamente nesse momento que se inicia no Brasil, de acordo com o autor, o debate sobre a social-democracia. O objetivo central do livro é, portanto, lançar luzes sobre as vias de constituição da “social-democracia tardia” no país a partir dos governos de Fernando Henrique Cardoso (FHC) e de Luís Inácio Lula da Silva (Lula). Nesse sentido, Deo sustenta que o PSDB e o PT juntos constituíam o núcleo central da “social-democracia tardia” no Brasil. Apesar das diferenças entre os partidos, haveria um ponto em comum em seus governos: a retirada de direitos da classe trabalhadora, sobretudo no governo FHC, uma vez que essa “social-democracia tardia” estaria vinculada aos interesses do grande capital.

A eleição de FHC significou o domínio da fração financeira do capital no novo ciclo de internacionalização da economia mundial, o que teria resultado, de acordo com Deo, em um processo de “modernização conservadora”, ou seja, uma “constante reposição/atualização do passado”, mantendo a “perpetuação da autocracia brasileira”. Essas mudanças, que já avançaram nos governos de Collor de Mello e Itamar Franco e que eram alicerçadas pelas diretrizes do “Consenso de Washington”, ganharam força com FHC, que, apoiado pelo FMI, levou adiante suas propostas. A implementação do Plano Real, ainda no governo Itamar Franco, sob a liderança de FHC, marca, para o autor, o início da política de juros altos para satisfazer, especialmente, os ganhos do capital financeiro mundial.

Deo estuda as obras de FHC e Faletto em função da sua importância para a compreensão dos governos FHC. Para eles, a “saída seria a inserção incondicional das economias nacionais no processo de internacionalização do mercado mundial iniciado a partir da década de 1970”. Nesses países se reproduziriam os laços de dependência em função dos interesses vinculados ao mercado externo. Com isso, o autor identifica que a vinculação do Brasil ao capital internacional já estaria colocada por FHC e Faletto em suas obras, ou seja, observa-se uma coerência entre o intelectual FHC e o presidente FHC, nesse sentido, não haveria bloqueios teóricos ou políticos para a implementação das proposições do “Consenso de Washington” em seus governos, tanto quanto para o processo de “modernização conservadora”, uma vez que o “desenvolvimento” brasileiro apenas seria possível nos quadros da “dependência”. Assim, as palavras de ordem no governo FHC passam a ser:

i) estabilidade econômica; ii) combate à inflação; iii) reforma do Estado; iv) privatizações; v) abertura econômica; e vi) reformas da previdência social e trabalhista.

Lula, por sua vez, de acordo com Deo, para viabilizar sua candidatura e angariar os votos dos insatisfeitos com os governos do PSDB, lançou a *Carta ao povo brasileiro*, na qual se comprometia com o capital financeiro, ou seja, com a continuidade da política econômica do governo anterior. Isso se tornou especialmente patente na medida em que, após eleito, o presidente não rompeu com “as variáveis do tripé macroeconômico” estabelecidas junto ao FMI no início do segundo mandato de FHC, nem tampouco com a Lei de Responsabilidade Fiscal que privilegia os ganhos do rentismo.

Ademais, Lula nomeou o ex-banqueiro Henrique Meirelles para a presidência do Banco Central. A aliança política formada pelo PT para viabilizar a eleição de Lula que, além de partidos de esquerda incluía partidos de direita, significou para Deo aquilo que Gramsci chamou de *transformismo*, contemplando frações financeiras, comercial, industrial e agrária da burguesia brasileira, que se subordinavam às burguesias dos países centrais do capitalismo mundial e não promoviam mudanças estruturais no país.

Apesar da defesa da ampliação da cidadania e da democracia como “valores universais”, o governo de Lula entregou especialmente às frações do capital financeiro o controle do processo econômico. A questão social, por outro lado, foi conduzida por meio de programas assistencialistas de transferência de renda, modelo característico da “social-democracia tardia” implementada no país.

No primeiro governo Lula (2003-2006) observou-se um período de crescimento econômico mundial, liderado pelos Estados Unidos e pela China principalmente. Isso possibilitou melhorias conjunturais no país, como maior saldo na balança comercial, sobretudo de *commodities*, e um crescimento econômico que amenizaram, momentaneamente, a vulnerabilidade externa da economia brasileira, mas sem romper com a lógica da financeirização. Pelo contrário, no primeiro governo Lula, como demonstra Deo, a economia brasileira se inseriu definitivamente no novo ciclo de internacionalização do capital. Por isso, para o autor, os governos de Lula aprofundaram o modelo iniciado por Collor de Mello e que fora aperfeiçoado por FHC, na particularidade *prussiano-colonial*.

O livro de Deo torna-se, assim, uma leitura obrigatória para a compreensão da complexidade da economia brasileira a partir de seu processo histórico e de sua relação com o movimento do capital. A profundidade da obra do autor não deixa dúvidas sobre as transformações que ocorreram no país não no sentido de fortalecê-lo, mas, pelo contrário, o Brasil se enfraqueceu em várias frentes, tanto na industrial como nas áreas sociais nos governos de FHC e Lula. A implementação de uma “social-democracia tardia” atendeu, nesse sentido, aos interesses do capital financeiro. Em suma, Deo mostra a necessidade urgente de se promover rupturas inadiáveis, com o objetivo de reverter o avançado processo de barbárie e incivilidade em curso, e caminhar em direção à emancipação humana.

CONSULTE A BIBLIOTECA VIRTUAL DA *CRÍTICA MARXISTA*

<http://www.ifch.unicamp.br/criticamarxista>

CRÍTICA marxista

Corrupção como ideologia
Armando Boito Jr.

Corrupção e capitalismo
Peter Bratsis

Abstrações, ideologia e ciência
João Quartim de Moraes

Sujeito e objetivação em Lukács
Wolfgang Fritz Haugh

Capital, Estado e sistema mundial
Jaime Osorio

Pour Marx e Lire le Capital
Luiz Eduardo Motta

44